

REFLEXÕES SOBRE A FORMAÇÃO DA LINGUAGEM NO AUTISMO¹

Isabela Barbosa do Rêgo BARROS (UNICAP)²

Maria de Fátima Vilar de MELO (UNICAP)³

RESUMO: A linguagem do autista é considerada como ecolálica: uma repetição sem significados de uma parte ou da totalidade do discurso de outrem, descontextualizada, sem mudanças na estrutura, destituída de singularidades. Todavia, por mais de um ano, observamos a linguagem de uma criança autista, submetida à tratamento fonoaudiológico na Associação dos Deficientes de Peixinhos – ADEPE, Olinda, Pernambuco e constatamos modificações na ecolalia caracterizadas por deslocamento de sentido, marcado por alterações nos eixos da linguagem. O movimento de aproximação e distanciamento da linguagem da criança com o contexto, permitiu-nos repensar sobre a constituição da linguagem do autista, elevando-a a categoria de “proto-linguagem”.

RÉSUMÉ: Le langage de l'autiste est considéré comme écholalie: une répétition sans significations d'une partie ou de la totalité du discours d'autrui, hors contexte, sans changements dans la structure, sans singularités. Cependant, pendant plus d'une année, nous observons le langage d'un enfant autiste, soumis au traitement phonologique dans "l'Associação dos Deficientes de Peixinhos – ADEPE," situé à la ville d'Olinda, dans l'état brésilien de Pernambouc, et nous constatons des changements dans l'écholalie caractérisés par des déplacements de sens, marqué par des changements dans les axes de langage. Le mouvement de s'approcher et s'éloigner de langage de l'enfant avec le contexte, nous a permis de repenser sur la constitution du langage de l'autiste, promouvant à la catégorie de “proto-langage”.

1. Introdução

A ecolalia é considerada como uma repetição de um trecho ou da íntegra do discurso de outrem, sem reconhecê-la como resposta a um enunciado. Segundo Laznik-Penot (1997), tal fenômeno deve-se a descrição de Leo Kanner, ainda em 1943, sobre a inexistência de intenção comunicativa na linguagem do autista, em virtude do seu caráter rígido, perseverante, descontextualizado, automático e atemporal. (KANNER, 1966)

De acordo com Bernard-Optiz (1982 *apud* Fernandes, 2002), aspectos pré-lingüísticos como apontar e mudança de turno, e verbais como as funções comunicativas informativa, regulatória e instrumental estão frequentemente ausentes no desenvolvimento da comunicação de crianças autistas.

Entretanto, em nosso estudo de caso observamos, ao longo de mais de um ano, modificações na linguagem de uma criança autista, sexo masculino, 6 anos e 9 meses, submetida a tratamento fonoaudiológico na Associação dos Deficientes de Peixinhos – ADEPE, caracterizadas por deslocamento de sentido, marcado por alterações nos eixos da linguagem: metafórico e metonímico.

Com base no trabalho de significação do discurso, fundamentado na Psicanálise laciana e na perspectiva sobre a aquisição de linguagem de Cláudia de Lemos, procuramos atribuir sentido à ecolalia da criança e relacionar o falar ao contexto situacional. Dessa maneira, as massas sonoras, a canção infantil, os balbucios e os truncamentos na linguagem apresentados pela criança tornaram-se reduto de significados.

Lacan destaca que o nascimento do sujeito se dá pela linguagem, na qual ele assume um lugar, um significado, diferenciando-se do mundo das coisas. Esse destaque dado à linguagem nos faz conceber a possibilidade da ecolalia ser percebida como rudimentos de linguagem em uma instância de sujeito ainda não constituído (autista).

No instante em que admitimos a opacidade da linguagem e nos baseamos na afirmação que “falar é antes de mais nada falar a outros” (LACAN, 1995, p. 47), acreditamos que podemos perceber a ecolalia como uma fala passível de significações.

Pensando na linguagem como análoga a um mosaico, a construção de sentidos dá-se *in-locu* entre os

¹ Estudo resultante da dissertação de mestrado em Ciências da Linguagem da UNICAP, defendida em abril de 2006, sob a orientação da Profa. Dra. Maria de Fátima Vilar de Melo.

² ibelabarros@hotmail.com

³ vilardemelo@yahoo.com.br

pares. Desta feita, a linguagem nasce e se estabelece na relação entre os sujeitos, tomando a forma oral (fala) ou gráfica (escrita) ou ainda manifestando-se através do olhar, dos gestos ou do não dito que é denunciado nas atitudes humanas. Queiroz (2005) completa tal asserção afirmando que na atividade intersubjetiva da linguagem os parceiros envolvidos se põem um no lugar do outro, se confundem e se separam.

Seguimos refletindo com base nas concepções de De Lemos (2000, 2003, 2004), apoiada na psicanálise lacaniana, que ressalta a aquisição da linguagem como um processo de subjetivação no qual a linguagem é significada, sendo o sujeito efeito do significante, ou seja construído na e pela linguagem, tal como menciona Lacan.

De Lemos [s.d] informa que repetir a fala do outro é uma característica da primeira posição assumida pela criança durante o processo de aquisição de linguagem, definido como espelhamento, no qual o adulto espelha as produções verbais da criança, atribuindo-lhe significado e intenção e há um movimento da criança em também espelhar a forma produzida pelo adulto. A criança tenta aproximar seu falar ao falar adulto, por meio do reposicionamento de fragmentos do discurso do outro, criando novos discursos. É essa circulação da linguagem que permite a instauração de novos diálogos.

Falhas na circulação da linguagem é que caracterizam como rígida a fala do autista. Todavia, um olhar mais cuidadoso pode perceber pequenos deslocamentos quanto à seleção dos trechos ecológicos e omissão ou inversões fonemáticas que podem significar uma reestruturação da linguagem. O que ainda falta, de forma geral, é o estabelecimento de intenção e sentido às produções do autista pelo seu par dialógico, o que implicaria na aceitação de uma fala singular para o autismo.

Segundo De Lemos, o campo de aquisição da linguagem é o discurso e as mudanças de posições que a criança assume diante de sua língua é que determinam a constituição da linguagem.

2. Metodologia:

Apesar das concepções de Cláudia de Lemos não destacarem a análise da linguagem patológica dos sujeitos, tomamos a autora em conjunto com a Psicanálise lacaniana como referência para nossas observações, transcrições e reflexões sobre a linguagem de Estênio⁴.

Durante o período, a linguagem da criança sofreu intensas tentativas de significação por acreditarmos na possibilidade de constituição da linguagem com base no olhar diferenciado para as produções estranhas do autista.

- | | |
|---------------------|--|
| 1) Fono: | /.../ Qué que você quer? Essa caixa? |
| 2) Estênio: | Caixa |
| 3) Fono: | Ou aquele outro jogo? |
| 4) Estênio: | (incompreensível) |
| 5) Fono: | Qual você quer? A caixa ou o jogo? |
| 6) Estênio: | Caixa ou o jogo? |
| 7) Fono: | Quer qual? |
| 8) Estênio: | Quer qual? |
| 9) Fono: | Qual você quer Estênio, diga. A caixa ou o jogo? |
| 10) Estênio: | O jogo |
| 11) Fono: | O jogo? Certo. Vamos pegar o jogo tá? |
| 12) Estênio: | Tá? (10s) |
| 13) Fono: | Tome o jogo |

Os recortes ecológicos encontrados na linguagem de Estênio (linhas 2, 6, 8, 10 e 12) são tomados como significantes e usados na constituição da cadeia dialógica que tentamos direcionar, permitindo que a linguagem circule entre os personagens. O encontro da ecolalia com uma significação se assemelha à primeira posição de que fala Cláudia de Lemos: uma incorporação pela criança de fragmentos da fala do outro, os quais retornarão para uma cadeia/texto e a antecipará como falante. Tal movimento entre o todo e a parte de um discurso é fundamental no que se refere à aquisição da linguagem e, conseqüentemente, ao processo de subjetivação.

⁴ Caso clínico retratado neste estudo, fundamentado no diagnóstico clínico de autismo e na presença de linguagem ecológica, vocalizações e balbucios. O nome da criança foi alterado para salvaguardar a imagem da mesma.

O outro/falante, ao incorporar os fragmentos produzidos pela criança em seu dizer os reconhece como fala e a criança como falante. Não é o que ocorre no caso da repetição patológica em que, via de regra, o outro não acolhe as produções da criança como falas e nem esta como falante. Como se vê, há diferenças a se considerar entre especularidade⁵ (grifo nosso) e ecolalia. (OLIVEIRA, 2001, p.2)

Acreditamos que essas diferenças referidas por Oliveira (*idem*), fundamentalmente estão no papel de interlocutor do autista, uma vez que, os truncamentos e as aparentes descontextualizações da ecolalia dificultam a compreensão do enunciado. Todavia, se nos guiarmos pela asserção de Lacan de que a fala só é tida como tal quando acreditamos nela e procurarmos encontrar significações em algumas produções ecolálicas, como as trazidas por Estênio, nos questionamos se a ecolalia estaria mesmo inserida no campo da “não linguagem”, ou seja, da “não significação”. Ou representaria um esforço do autista em aproximar seu falar ao falar do outro, tomando-o como seu.

Apoiada na concepção de Lacan, De Lemos reafirma em sua proposta que a presença da colagem à fala do outro só é configurada na primeira posição se estiver associada ao reconhecimento do outro. Desta feita, no trecho exposto acima, reconhecemos a ecolalia como uma fala e retiramos um pouco seu caráter exclusivamente patológico, no momento em que atribuímos significações as repetições de Estênio, conduzindo-as para uma cadeia discursiva que culmina com a inferência de uma resposta a um questionamento inicial: o que você quer? o jogo.

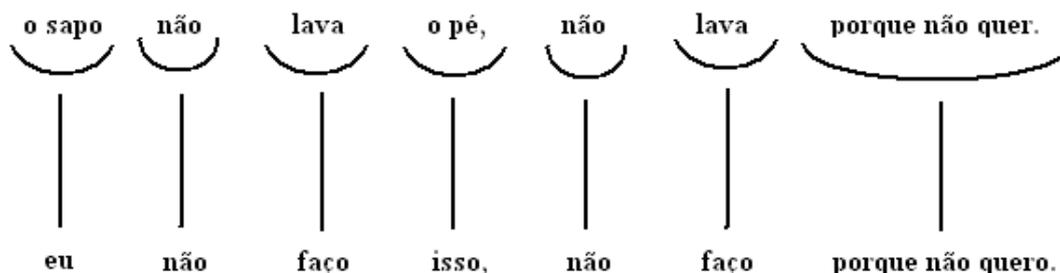
Torna-se importante destacarmos que nosso movimento não altera a rigidez ecolálica de Estênio no que diz respeito à prosódia. Entretanto, as pequenas seleções do nosso discurso realizadas pela criança com a perda de outros trechos podem configurar uma mudança em sua posição diante da linguagem ou revelar, de acordo com Araújo (2006), a possibilidade de a ecolalia representar um sintoma significativo na linguagem relacionado à dificuldade em comunicar da pessoa autista.

/.../

- 14) **Estênio:** /.../O sapo não lava o pé não lava porque não quer ele mora lá na lagoa não ((cantando)) (3s) porque não quer mas que chu...Posso guardar?
- 15) **Fono:** Tu queres guardar de novo? Tu pode falar, tu pode brincar. /.../ você pode fazer o que quiser. Queres fazer uma linha? Faz uma linha (2s)
- 16) **Estênio:** O sapo não lava o pé não lava porque não quer
- 17) **Fono:** Hoje tás afim de fazer linha não né?

A canção “o sapo que não lava o pé” (linha 14 e 16) marcou a fala da criança ao longo dos atendimentos por sua constância, nos questionando se não ocuparia o lugar de um discurso, mascarando a linguagem.

Ao admitir a existência de uma linguagem oculta na canção, pudemos encontrar em suas entrelinhas a recusa da criança, significando o trecho “o sapo não lava o pé, não lava porque não quer” como “eu não quero”, em resposta a proposta de uma atividade (linha 15).



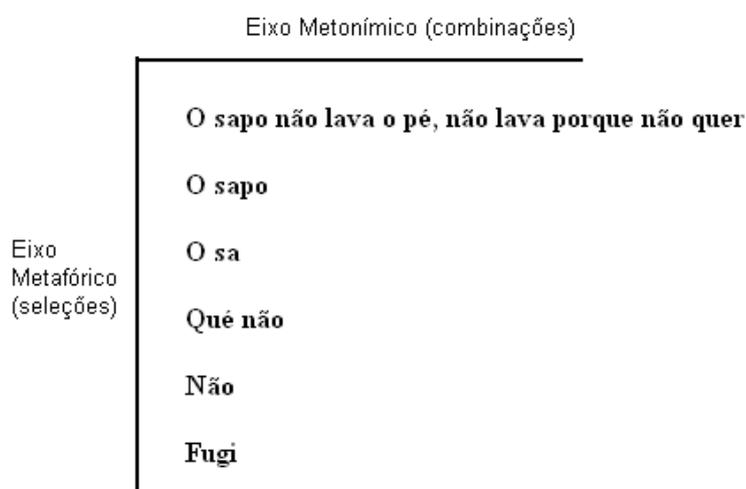
Ao dar ao fragmento ecolálico (linha 16) o *status* de discurso, possibilitamos a entrada da fala de Estênio na rede de significantes. Percebemos, ainda, no exemplo a seguir, um deslize nos eixos da linguagem, na sua forma negativa, inicialmente representada por um trecho de canção e modificada para a

⁵ Lembremos que o termo specularidade foi utilizado por Cláudia de Lemos para caracterizar a primeira posição dos processos constitutivos do diálogo, todavia abandonado. Atualmente, essa autora prefere mencionar o termo espelhamento enquanto movimento realizado pela criança durante seu processo de aquisição da linguagem.

expressão “qué não” (linha 24) e pelo uso do verbo fugir (linha 32), o qual em sua opacidade possui forte conteúdo negativo.

- 18) **Estênio:** O sapo?
 19) **Fono:** Quié que tem o sapo? Hein?
 ((batidas dos livros na mesa e risos de Estênio))
 20) **Estênio:** Hein?
 21) **Fono:** Conta uma história.
 22) **Estênio:** O sa ((batidas dos livros)) iiiiiiiiiiiiii
 23) **Fono:** O sapo tava onde? /.../ Vai guardar? ((assobios de Estênio))
 Aqui ó
 24) **Estênio:** êêêêiii qué não
 25) **Fono:** Qué não?!
 26) **Estênio:** êêêêêê
 27) **Fono:** Qué esse? qué esse?
 28) **Estênio:** Não
 29) **Fono:** Qué não?
 30) **Estênio:** Qué não qué não. Êêêêê. êêêêêêiiiiiii
 31) **Fono:** Vou guardar os livrinhos.
 32) **Estênio:** êêêêêêêêêê (sons ininteligíveis) (fugi) aaaaa êêêêêê êêêêêêêêêêêê ((batidas na mesa))

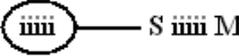
O deslize da linguagem de Estênio é favorecido por nossa posição diante da canção: interrompemos a iniciativa da criança em fazer uso da ecolalia como negativa ao interpretar o início da canção, que ganha entoação interrogativa, como personagem da história e não como solicitação para iniciar a cantiga ou terminar a atividade.



Segundo Araújo (2006) o movimento de recombinação implica uma possível atuação da pessoa autista no eixo metonímico, remetendo-o a uma inserção em seu campo de funcionamento lingüístico, uma vez que, parece agir “sobre o eixo das seleções e sobre o eixo das combinações: bases dos processos metafóricos e metonímicos – leis de composição interna da linguagem.” (ARAÚJO, *idem*, p. 117)

Há um esforço para construir e reconstruir cadeias verbais, a partir de suas aproximações e cruzamentos por meio dos processos metafóricos e metonímicos, favorecendo a ruptura das cadeias. Destacamos a substituição de significantes que resultam na produção de uma nova cadeia que ainda conserva vestígios das cadeias verbais anteriores. Tal fato caracteriza a posição de submissão do sujeito ao movimento da língua mencionada por Carvalho; Avelar (2002).

Em sua trajetória, Estênio faz uso de aspectos pré-lingüísticos como apontar, enquanto instrumento desencadeador ou mantenedor do diálogo, demonstrando o uso de novos recursos de linguagem. Contrariando, dessa forma, a postura de exclusão a linguagem carente de gestos e preso ao mutismo que o corpo toma no autismo frente ao mundo exterior.

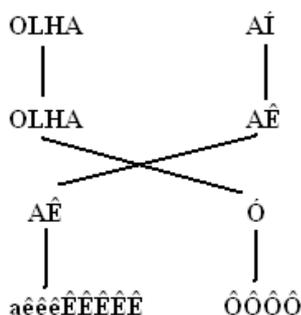
- A)
 ((Estênio coloca a mão na cabeça))
 33) **Fono:** cortou o cabelo
 34) **Estênio:** ÓÓÓÓI
 35) **Fono:** olha! Ele cortou o cabelo!
- B)
 /.../
 36) **Estênio:** i tia ((Estênio aponta para uma peça do jogo que caiu no chão))
 37) **Fono:** vá pegar aquele
 38) **Estênio:** aêêêÊÊÊÊÊÊÊÊ ÔÔÔÔ ((Estênio continua apontando para a peça))
 39) **Fono:** tô vendo vá pegar aquele
 40) **Estênio:** ((assovios))
 ((Estênio levanta-se, pega a peça do jogo e me entrega))
- 
- 41) **Fono:** pronto

Destacamos a percepção de Vasse (1977) em relação à linguagem como o corpo da criança percebido em sua rede de significantes e de Coste (1992) que percebe o corpo como um lugar de significações específicas e, por ser parte integrante de nosso universo de símbolos, é produto e gerador, ao mesmo tempo, de signos.

Entretanto, é necessário que o gesto caia na rede de significantes e contribua para a instalação dos diálogos, quer como apoio (linha 38 do trecho B) ou como discurso propriamente dito (início do trecho A e linha 36 do trecho B).

Ao se fazer olhar através de gestos e balbucios significados, Estênio permitiu a instalação do diálogo marcado pela retomada do enunciado pelo adulto, que o complementa por meio das palavras e expande-o com novos elementos, conforme menciona De Lemos na segunda posição dos processos de aquisição de linguagem (linhas 33 a 35 do trecho A e linhas 36 a 39 do trecho B).

Destacamos ainda nos trechos acima, a presença da figura de linguagem “tia” (linha 36) e dos balbucios tomados enquanto variações lingüísticas: ói – olhe (linha 34) e aêêêÊÊÊÊÊÊÊÊ ÔÔÔÔ - olha aí (linha 38).



Os sons, na verdade, são igualmente tomados como deslizamentos na linguagem, ocupando o lugar de outros significantes e possibilitam a manutenção do diálogo -“iiii” significando “sim” (linha 40) - posto que seja a fala do Outro⁶, sustentada pelo imaginário, que confere sentido e põe limites ao contínuo sonoro, atribuindo-lhe ritmo, presença ou ausência (BALBO, 2004)

Notemos a seguir algumas combinações de palavras efetuadas por Estênio sem qualquer traço de linguagem patológica, semelhante a um discurso espontâneo de qualquer criança em seu processo de aquisição de linguagem.

⁶ Termo utilizado por Lacan para designar um lugar simbólico: o significante, a linguagem, a lei, o inconsciente, que determina o sujeito, em alguns momentos de maneira externa a ele e em outros de maneira intra-subjetiva em sua relação com o desejo. Tal termo pode ser grafado simplesmente com letra maiúscula, opondo-se ao termo escrito com minúscula que designa um outro imaginário ou lugar de alteridade especular ou ainda, ser escrito como grande Outro ou grande A, opondo-se ao pequeno outro ou ao pequeno a, respectivamente (ROUDINESCO; PLON, 1998).

/.../

42) **Fono:** Pronto? Pronto? A gente faz o quê agora?
((Estênio faz um movimento negativo de cabeça))
Pronto não?! A gente faz o quê agora?

43) **Estênio:** Bora bola

44) **Fono:** Bora a bola (9s) ((Estênio pega a bola e a joga para mim))

45) **Estênio:** Ti-a

/.../

46) **Fono:** Posso guardar as bolas nessa caixa Estênio (8s)

47) **Estênio:** Quer guardar quer? Ali
((Estênio se dirige para a caixa da filmadora e dos materiais de uso fonológico))

Esses momentos de aproximação da linguagem com o contexto nos interrogam sobre a possibilidade das estereotipias na fala serem tidas como uma “proto-linguagem” e não somente como um sintoma de um quadro nosológico, mas que necessitam de sentidos para desenovelar-se e constituir-se em linguagem.

Observamos que os lugares no diálogo estão instituídos, o Outro está presente, os temas e as trocas de turnos são respeitados e ainda percebemos que é o adulto quem repete a fala da criança dando-lhe significações e completando a cadeia discursiva.

Encontramos uma criança que toma iniciativa para o diálogo distanciando-se da imagem clássica do autista: aquele que **não** fala, **não** se aproxima dos seus pares, **não** aprende, **não** brinca.

Esses fatos marcam a terceira posição mencionada por De Lemos e assumida por Estênio. As autocorreções, hesitações e reformulações desencadeadas pelo discurso do outro, destacadas pela autora como características da linguagem da criança nessa posição, são destaques no trecho a seguir (linhas 49 e 50).

48) **Estênio:** Eu dô dô meu Deus

49) **Fono:** Você é seu Deus?

50) **Estênio:** ee eu sou seu Deus

51) **Fono:** Você é Estênio

Estênio é afetado por nosso estranhamento tornando-se susceptível a nossa correção (linha 49). É importante mencionar que nossa iniciativa não cai no vazio. Ao ser corrigido, Estênio retorna ao seu próprio discurso e faz reformulações que incidem sobre o interlocutor.

É o possível movimento de auto-escuta que possibilita suas reformulações. Quando questionamos sobre o enunciado, mesmo que ecológico, talvez algo seja despertado na criança fazendo-a circular na linguagem retomado e refazendo seu discurso.

Uma das dimensões essenciais do fenômeno da fala, seja em suas formas patológicas ou em sua forma normal, é o fato de que o outro não é o único a ouvir aquele que fala. Quando o sujeito fala, ele se escuta, nos lembra Lacan, criticando a esquematização do fenômeno da fala pela imagem que serve as teorias da comunicação – o emissor, o receptor, e alguma coisa que se passa no intervalo. (VORCARO; NAVGANTES, 2004, p.236)

O uso do pronome “eu” no trecho anterior também nos chama atenção pelo caráter de constituição do sujeito que tal palavra traz. De acordo com De Lemos [s.d], os pronomes pessoais “constituem índices importantes de conversão do discurso do outro em discurso próprio” (DE LEMOS, *idem*, p.04), revelando algo sobre o processo de subjetivação.

Através do uso do pronome de tratamento “você” (linha 51), assim como dos demais pronomes pessoais e da chamada ao nome próprio da criança, ao longo de todos os atendimentos fonológicos, distanciamos a criança da imagem colada a de uma outra pessoa e instituímos um local para Estênio, importante para o seu papel de interlocutor.

Marcamos, dessa forma, nossos lugares através de uma simbolização. Ao adquirir a linguagem é necessário que o sujeito desapareça como sujeito para se encontrar no discurso através de símbolos (pronomes), perdendo-se na linguagem e alienando-se em seu discurso. (LEMONS, 2004)

3. Conclusão:

A dificuldade de entendimento de alguns trechos da linguagem de Estênio nos retorna a realidade do autismo que, na criança desse estudo, parece querer diluir-se na linguagem. O movimento de aproximação e distanciamento da linguagem com o contexto, alude à possibilidade de saída do isolamento imposto pelo autismo. Há um discurso sem características de fragmentações ou reproduções do discurso de outrem, simultâneo a presença de um discurso que ainda preserva características da fala do autista: gritos, balbucios, ecolalias e sons.

No momento em que apresentamos a ecolalia como “proto-linguagem”, aceitamos que ela está passível de significações, estando no eixo da linguagem, em substituição a uma coisa oculta, designada por meio de outro nome, frase ou trecho da fala do Outro.

Sendo assim, sem desconsiderarmos o caráter de rigidez que prevalece na linguagem de Estênio, percebemos a aproximação, o cruzamento e a reestruturação das cadeias verbais por intermédio dos processos metafóricos e metonímicos. Esse movimento da linguagem resulta na produção de uma outra cadeia que ainda conserva vestígios das cadeias verbais anteriores e possibilita olharmos para a ecolalia dessa criança como uma pedra fundamental no alicerce da constituição da linguagem.

Tornou-se fundamental para o êxito de nosso estudo a nomeação do sujeito, baseado na chamada ao nome próprio, instituindo o lugar do Outro no diálogo, diferenciando-se o “eu” do “tu”. O movimento de aproximação e distanciamento da linguagem da criança com o contexto, caracterizado por: alteração na prosódia, na qualidade vocal, no tempo de exposição, omissões, fragmentações do discurso e presença de novos significantes, permitiu-nos repensar sobre a possibilidade de constituição da linguagem do autista, com base em um olhar diferenciado para a ecolalia, elevando-a a categoria de “proto-linguagem” e destituindo-a do caráter de total rigidez e descontextualização.

Nesse instante foram fundamentais as nossas tentativas em busca de sentido para as manifestações da linguagem da criança oferecendo-lhes significações. Realizamos um movimento de conter a deriva da ecolalia e construímos diferentes pontes - incluindo a possibilidade de identificação do autista com seu interlocutor, que nos possibilitaram passar de expectadores de uma fala para coadjuvantes no processo de constituição da linguagem.

Acompanhando a trajetória de Estênio, atestamos deslizamentos na linguagem, circulação de significantes e mudança nas posições referidas por De Lemos. As flexibilidades na linguagem, dentro de um aparente quadro de rigidez, representam para nós possíveis indícios da maneira como se sucedem as mudanças na linguagem de uma criança autista em direção a sua estruturação enquanto sujeito falante.

4. Referências bibliográficas

ARAÚJO, Manoela de Lira Malta. **Explorando a ecolalia como sintoma no autismo: um estudo de caso.** 2006. 164 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Cognitiva). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006.

BALBO, Gabriel. **A língua nos causa: abordagem diferencial do autismo na psicose através do estudo do tipo de articulação entre o ouvido, o visto e o falado.** In: VORCARO, Angela (org.). Quem fala na língua? Sobre as psicopatologias da fala. Salvador, BA: Ágalma, 2004. 301p.

CARVALHO, Glória M^a Monteiro de; AVELAR, Telma Costa de. Aquisição de linguagem e autismo: um reflexo no espelho. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental.** São Paulo, v.V, n.3, p. 11-27, set. 2002. Trimestral.

COSTE, Jean-Claude. **A psicomotricidade.** Rio de Janeiro: Guanabara, 1992.

DE LEMOS, Claudia T. G. **Uma abordagem sócio-construtivista da aquisição da linguagem: um percurso e muitas questões.** Universidade Estadual de Campinas. [s.d.]

_____. Questioning the Notion of Development: The Case of Language Acquisition. **Culture & Psychology**, volume 6, n.2, p.169-182, Jun 2000.

_____. **A função e o destino da palavra alheia: três momentos da reflexão de Bakhtin.** In: FIORIN, José Luiz; BARROS, Diana Luz Pessoa de. Dialogismo, polifonia, intertextualidade em torno de Mikhail Bakhtin. 2ª ed. São Paulo: EDUSP, 2003. 96p.

_____. **Sobre fragmentos e holófrases.** 2004. Online. Disponível na Internet http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000032001000300005&script=sci_arttext&tlng=pt. Capturado em 15 mai. 2005.

FERNANDES, Fernanda Dreux Miranda. **Atuação fonoaudiológica com crianças com transtornos do espectro autístico.** 2002. 159f. Tese (Livre docência em Fonoaudiologia). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

KANNER, Leo. **Psiquiatria infantil.** Buenos Aires: Paidós e Psique, 1966. 747p.

LACAN, Jacques; MILLER, Jacques-alain. **O seminário: livro 3 – as psicoses.** 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

LAZNIK-PENOT, Marie-Christine. **Rumo à palavra: três crianças autistas em psicanálise.** Trad. Mônica Seincman. São Paulo: Escuta, 1997. 252 p.

LE MOS, Eva Rozental de Brito. **Aquisição da linguagem e contexto escolar: levantamento de questões sobre a interpretação do professor.** 2004. 223f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Cognitiva). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2004

OLIVEIRA, Mariana Trenche de. **Ecolalia: quem fala nessa voz?.** 2001. 112f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.

QUEIROZ, Telma Corrêa da Nóbrega. **Do desmame ao sujeito.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de psicanálise.** Trad. Vera Ribeiro, Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. 874 p.

VASSE, Denis. **O umbigo e a voz: psicanálise de duas crianças.** Trad. Luiz João Gaio. São Paulo: Loyola, 1977. 223 p.

VORCARO, Angela; NAVEGANTES, Lia de Freitas. **A incorporação de uma voz.** In: VORCARO, Angela (org.). Quem fala na língua? Sobre as psicopatologias da fala. Salvador, BA: Ágalma, 2004. 301p.